

Sistema e Método no Último Engels

Ricardo Musse*

Resumo: No bojo de uma exposição “positiva” do marxismo, a obra do último Engels, além de promover uma expansão das fronteiras dessa doutrina, promove uma outra articulação, distinta daquela pensada por Marx – entre método e sistema. Tomada como uma ordenação categorial independente, a dialética torna-se a liga de um encadeamento enciclopédico que reduz o marxismo ao projeto de um conhecimento unificado do homem e da natureza.

Palavras-chave: marxismo – dialética – método – sistema – ciências naturais – Engels

Não é de todo indiferente para a história e para a tradição do marxismo que Friedrich Engels (1820-1895) tenha permanecido atuando, intelectual e politicamente, por mais de uma década depois da morte de Karl Marx (1818-1883). A facilidade com que se podia recorrer diretamente a um dos co-fundadores do materialismo histórico num período decisivo para a consolidação do marxismo enquanto doutrina unitária e como corrente hegemônica no movimento operário, somada à divisão de trabalho que atribuíra a Engels, durante o último período da vida de Marx, a tarefa de orientação e acompanhamento dos partidos operários então em processo de formação⁽¹⁾, contribuiu para que, nos últimos quinze anos do século XIX, sua influência intelectual e sua importância teórica rivalizassem e até mesmo, em certos casos, sobrepujassem a do próprio Marx.

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista.

Apoiado no reconhecimento da sua contribuição para a gênese e fundamentação teórica da concepção materialista, ressaltada por Marx em inúmeras oportunidades⁽²⁾, Engels esforçou-se por atualizar a teoria de acordo com as exigências oriundas das mudanças conjunturais, no que satisfazia, aliás, uma demanda inerente ao próprio caráter do marxismo, assumidamente histórico. Mas também se permitiu avançar, como um desbravador audaz, sobre áreas e fronteiras bastante distantes da configuração delimitada pelos textos que constituíram o materialismo histórico.

A ascendência de Engels nesse período deve muito a esse trabalho de expansão dos limites do marxismo, desenvolvido mais em função do ambiente intelectual da época, marcado duplamente pelos avanços da ciência e pelo anseio cientificista de ordená-los de maneira enciclopédica, do que propriamente em decorrência de necessidades internas da teoria. Mas também dependeu, em certa medida, da sua posição incontestável (numa época em que a difusão do marxismo processou-se principalmente por meio de textos de divulgação e só esporadicamente pelo contato com os textos do próprio Marx) de principal sistematizador e intérprete do marxismo.

A sincronia, e mesmo o embaralhamento, dessa duplicidade de papéis, em vez de ser sentida como um obstáculo ou então como uma interferência nociva, contribuiu antes para reforçar a legitimidade da autoridade de Engels. No quadro peculiar da época, o ato de ordenar em um conjunto sistemático as descobertas do marxismo, o empenho em esquematizar e sumarizar um pensamento prenhe de nuances (contrariando uma exigência imprescindível da dialética), em suma, a tarefa de divulgação – hoje vista como menor e associada inextricavelmente à idéia de empobrecimento – ajudava a corroborar e, em alguma medida, a ratificar o esforço de Engels no sentido de ampliar e complementar a teoria do materialismo histórico.

A primeira obra estruturada segundo esse amálgama foi, certamente, o *Anti-Dühring*. Inicialmente um escrito de circunstância, redigido a contragosto para satisfazer um pedido da social-democracia alemã, esse livro, publicado ainda durante a vida de Marx, em 1878, acabou constituindo-se no primeiro trabalho teórico importante desenvolvido por Engels depois de um interregno de quase duas décadas (1850-1869) dedicados aos negócios

em Manchester. O saldo desse exercício crítico, a refutação científica e política do sistema de Eugen Dühring, acabou por mesclar, ainda que em doses desiguais, momentos de mera divulgação, ou melhor, de simples interpretação e de sistematização, com capítulos dedicados a incursões em novos terrenos, que contribuíram para a expansão da teoria marxista. Nessa medida, o *Anti-Dühring* marca, tanto pela forma quanto pelo conteúdo, um importante ponto de viragem na trajetória intelectual de Engels, inaugurando, numa definição mais peremptória, a última fase de seu pensamento.

Engels justifica, no Prefácio à primeira edição, a ampla extensão dos assuntos ali tratados – uma lista que abarca desde filosofia da natureza a teorias acerca da violência, passando por moral e direito –, como uma necessidade ora inerente à coisa, ou seja, à crítica pontual ao pensamento de Dühring, ora exterior, moldada pelo anseio de se posicionar diante das questões controvertidas da época.

Mesmo que se admita uma interseção entre esses dois conjuntos, é possível entretanto notar nas justificativas de Engels uma ambigüidade recorrente. Num extremo, após se desculpar por ter sido forçado a acompanhar Dühring em regiões em que ele próprio não passa de um mero dileitante – “Naquele vasto domínio em que Dühring encara todas as coisas possíveis ... e muitas outras ainda” –, atribui isso a uma imposição da crítica imanente, pois Dühring apresentara sua doutrina socialista como a última consequência prática de um “novo, amargo e enorme” sistema filosófico. No pólo oposto do pêndulo, explica a origem do livro como um esforço para evitar a disseminação de divergências e confusão no âmbito do então recém-unificado partido operário alemão (em cujo jornal foram publicados inicialmente os textos que compõem o livro), ou então, em chave positiva, como uma ocasião para expor as posições do marxismo acerca dos assuntos mais diversos sobretudo acerca de questões atuais de interesse científico e prático.

Mais reveladora que essa ambigüidade detectável no Prefácio de 1878 é a explicação para a demanda por uma segunda edição incluída no Prefácio de 1885. Nessa versão, Engels afirma que, ao seguir Dühring por domínios tão amplos, opondo-se ponto a ponto às suas concepções, “a crítica negativa resultou positiva; a polêmica transformou-se em exposição mais ou

menos coerente do método dialético e da ideologia comunista defendida por Marx e por mim, numa série de domínios bastante vastos” (Engels 4, p. 9). É evidente aí a vontade de romper com o método e os procedimentos do passado, corporificados principalmente nos textos de juventude. O tom polêmico, a negatividade e a crítica imanente que os caracterizam, e que ainda estão, de certo modo, presentes no *Anti-Dühring*, serão, doravante, cada vez mais, substituídos pela exposição positiva, por uma apresentação sistemática e ordenada das idéias, de preferência em uma linguagem mais acessível.

O primeiro passo nesse sentido foi a organização por Engels, a pedido de Paul Lafargue, já em 1880, de uma versão condensada do *Anti-Dühring* congregando os poucos capítulos não contaminados pela crítica, ou pela referência, a Dühring⁽³⁾. Esta edição francesa, publicada também em alemão e traduzida em seguida para várias línguas, ganhou mundo com o título de *Do socialismo utópico ao socialismo científico*⁽⁴⁾. Junto com a preocupação em não dificultar a leitura para um público que desconhecia ou que se desinteressava das idéias de Eugen Dühring, desdobra-se o esforço, reiterado em escritos posteriores, para apresentar o marxismo de forma direta e não-polêmica.

Além disso, o esforço mimético inerente ao projeto de contestar ponto a ponto o “sistema filosófico integral” de Dühring, mesmo que sua obra não passasse no fundo, como afirma Engels, de uma “pseudociência presunçosa”; a necessidade de se defrontar e de opinar sobre quase tudo – na lista de Engels, “desde as idéias sobre o espaço e o tempo até o bimetalismo; desde a eternidade da matéria e do movimento até a natureza perecível das idéias morais; desde a seleção natural de Darwin até a educação da juventude numa sociedade futura”⁽⁵⁾ – contribuíram decisivamente para que, à revelia da intenção do autor, o *Anti-Dühring* e, por extensão, o próprio marxismo, então em processo de delimitação enquanto escola distinta das demais correntes socialistas, fossem tomados, no mesmo registro das disciplinas burguesas rivais e na acepção própria da época, como um sistema, isto é, como uma teoria unitária do homem e da natureza.

Uma preocupação teórica e metodológica recorrente no último Engels refere-se à forma de apropriação pelo marxismo da dialética hegeliana⁽⁶⁾.

Quando acusa a filosofia de Hegel de idealismo e de espírito sistemático, por exemplo, não deixa de estar apontando para as dificuldades inerentes a qualquer tentativa de transplante dessa obra e do seu método por parte de um saber que se afirma, já desde o nome, “materialista”.

O resgate da dialética hegeliana depende, portanto, da sua conversão de procedimento próprio ao idealismo em método do materialismo. Engels julga que o movimento, para ele revolucionário, de supressão da filosofia é suficiente para desencadear e completar essa transposição – já facilitada pela descrição que ressalta, principalmente em *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, o caráter antidogmático do método.

Para que o “fim da filosofia” – apontado pelo próprio Hegel e interpretado por Engels como “a saída do labirinto de sistemas para o conhecimento positivo e real do mundo” – detenha, entretanto, o poder de conservar a dialética intacta, é preciso conceder a factibilidade de uma transposição que se desembarace das amarras do sistema mantendo incólume o método, o que não deixa de implicar a admissão, explícita ou não, da existência de uma separação constitutiva entre método e sistema.

Engels, porém, não chega a tanto. Apoiando-se na dissociação, desvelada pelo debate alemão nas décadas de 1830 e 1840, entre método e sistema no pensamento de Hegel, apresenta o programa de “destruir criticamente a forma, conservando porém o conteúdo” da filosofia hegeliana – que aponta para a incorporação não apenas da dialética, mas também da sua riqueza enciclopédica – como a superação de uma contradição, inscrita no núcleo dessa obra, entre o *método* que não aceita a afirmação de “verdades absolutas” e o *sistema* que se apresenta como “resumo e compêndio” de uma verdade absoluta.

A tarefa de compatibilizar sistema e método dentro de uma perspectiva materialista, alheia por definição ao espírito sistemático próprio ao idealismo, Engels incumbe às disciplinas específicas voltadas para a compreensão da natureza e da história, doravante, envoltas por uma aura de cientificidade⁽⁷⁾. É, portanto, no quadro instaurado por essas novas ciências, base primeira do “socialismo científico”, que cabe examinar as consequên-

cias da transformação engelsiana do marxismo em um “sistema” orientado para a compreensão geral do homem e da natureza.

À primeira vista, a abordagem de temas surpreendentes e mesmo pouco afeitos aos contornos – tal como delimitados inicialmente por Marx e Engels – do materialismo histórico, seja enquanto conseqüência inevitável da necessidade política de refutar Dühring ou pela exigência própria ao espírito do tempo de organizar o saber em chave enciclopédica, concedeu a Engels uma inesperada liberdade de movimentos. Afinal, uma apresentação meramente formal da dialética, por exemplo, diante da possibilidade quase certa de vir a ser interpretada como uma tentativa de fundamentação filosófica do marxismo, parece explicável apenas por esse contexto de relaxamento das amarras e de ampliação indeterminada do marxismo. Entretanto, à luz da tentativa engelsiana de congregar em outro patamar sistema e método, prescindindo por completo de uma “filosofia superior” dedicada especialmente ao estabelecimento de concatenações universais, tudo isso encadeia-se em uma lógica precisa.

A exposição da dialética desencarnada de todo e qualquer vínculo com conteúdos determinados, por exemplo, decorre sobretudo da necessidade de destacar um conjunto de “leis”, ou melhor, uma certa ordenação categorial que, independente das conexões próprias a um ramo específico do conhecimento, possa ser aplicada e utilizada igualmente nos domínios distintamente circunscritos da natureza, da história e do mundo intelectual.

Diante de tal desdobramento, as ciências particulares parecem ter sido reduzidas, no limite, à condição de um mero estoque de exemplos demonstrativos. Pode-se descrever a mediação entre esses dois termos, porém, de uma forma mais precisa, como o resultado de um processo de intercâmbio, de um movimento incessante entre a generalidade do método e o detalhamento do sistema, que acabou gerando, na ânsia de superar a contradição, um aplanamento de arestas a partir do qual seria mais apropriado conceber essa relação como de “mútua dependência”.

A adoção, por Engels, de uma mesma dialética uniforme, abrangente o suficiente para compreender seja o andamento histórico seja o processo natural, não chamou tanto a atenção quanto a novidade da atribuição da na-

tureza como “pedra de toque” da dialética, em torno da qual concentrou-se, em grande parte, o debate na geração de Korsch e Lukács. A prioridade que a posteridade concedeu ao problema de uma dialética do mundo natural, amplificada pela publicação, em 1925, dos fragmentos de um manuscrito inédito de Engels, intitulado *Dialética da natureza*⁽⁸⁾, por mais parcial e anacrônica que possa parecer hoje, justifica-se ainda em pelo menos um ponto: o enfoque que Engels concedeu às ciências da natureza tornou essa questão uma mediação imprescindível para uma clarificação da sua versão da dialética e, por conseguinte, da forma pela qual estruturou o nexo entre método e sistema.

A ocupação de Engels com as ciências naturais – um programa de estudo cumprido à risca por longos anos, ainda que de forma intermitente, durante o período da redação inconclusa da *Dialética da natureza* (1873-1882)⁽⁹⁾ –, um enfrentamento hoje insólito para um marxista, visava estabelecer uma alternativa à influência exercida sobre o movimento operário por parte de ideologias que se apresentavam como ecos da última novidade científica, numa conjuntura em que se tornava cada vez mais patente a importância das ciências naturais para o desenvolvimento do aparato produtivo. O prestígio, crescente e incontestado, dessas ciências prestava-se tanto a reativações da insepulta filosofia da natureza, à maneira do sistema filosófico de Dühring, quanto à disseminação de variantes do materialismo francês do século XVIII, tarefa empreendida na Alemanha por Büchner, Vogt, Moleschott & cia. Paralelamente a isso, nos quadros da divisão do trabalho intelectual, sucedia-se uma modificação de vulto: as ciências naturais emancipavam-se da filosofia. Os textos de Engels, dirigidos simultaneamente ao operário culto que acompanhava de longe o debate intelectual e ao cientista ainda indeciso acerca do teor do resultado do seu afazer, procuravam destacar ao mesmo tempo – contra o “filósofo natural” – o novo arcabouço científico do conhecimento da natureza e – contra os “materialistas vulgares” – o caráter dialético das leis recém-descobertas.

A condição para essa junção de cientificidade e dialética ou, no vocabulário de Engels, para a transformação das ciências metafísicas em ciências dialéticas – ausente tanto no materialismo francês do século XVIII

quanto na filosofia da natureza alemã – foi o desenvolvimento, no decorrer do século XIX, de uma concepção histórica da natureza. A capacidade de pensar a natureza como um processo, atestada pelo exemplo de ciências de ponta, então recém-fundadas, como a fisiologia, a embriologia e a geologia, por si só, indicaria a pertinência de um programa que visava ressaltar o peso ou até mesmo a preponderância da dialética na constituição de uma perspectiva materialista acerca da natureza.

Posto isso, o método dialético torna-se decisivo para a compreensão e fixação das “leis” gerais do movimento⁽¹⁰⁾, base primeira de um esclarecimento do teor objetivamente dialético da natureza. Para demonstrar a veracidade e a universalidade de tais “leis”, Engels, dado o caráter indutivo-dedutivo do seu empreendimento, optou pela via de um acompanhamento exaustivo, isto é, pelo procedimento infundável de decifração caso a caso das mais importantes descobertas da ciência em seu tempo.

Engels também apresenta a dialética como essencial na tarefa de ordenar o caos das novas descobertas científicas, que se sucedem atropeladamente. O esforço para estabelecer uma concatenação entre descobertas contingentes, pois exclusivamente empíricas, além de evidenciar o caráter dialético dos fenômenos particulares, insere-se – ao fortalecer a dissolução da rigidez das linhas nítidas de demarcação que contribuíram para conceder às ciências naturais “o seu acanhado caráter metafísico” – em um projeto maior de substituição das ciências colecionadoras (“ciências de objetos acabados”) pelas ciências coordenadoras (“ciências que estudam os processos, a origem e o desenvolvimento das coisas”).

Tal avanço, dado pela possibilidade de um estudo sistemático das modificações da natureza, não esgota, entretanto, segundo Engels, o estoque das conseqüências a serem extraídas desse encadeamento dos fatos científicos. A síntese dialética permite ainda, eis o decisivo, a articulação de um “sistema da natureza”.

Não se trata, obviamente, de uma retomada do sistema universal e compacto no qual Hegel pretendia enquadrar as ciências da natureza e da história, plasmado de acordo com o postulado idealista de “soluções definitivas” e “verdades eternas”, mas busca-se ainda assim um encadeamento

que, apesar de aberto, não deixa de fornecer uma visão de conjunto semelhante àquela anteriormente a cargo da filosofia da natureza. A concatenação dialética resgata, por meio de uma articulação interna, a visão conjunta dos processos naturais como um grande todo:

Graças a estas três grandes descobertas [a da célula, da transformação de energia e a da teoria da evolução] e aos demais progressos consideráveis das ciências naturais, estamos hoje em condição de demonstrar, em suas grandes linhas, não apenas a conexão dos fenômenos da natureza dentro de um domínio determinado, mas também a conexão existente entre esses diferentes domínios, apresentando assim, sob uma forma bastante sistemática, por meio dos fatos ministrados pelas próprias ciências naturais empíricas, um quadro de conjunto da conexão existente na natureza (Engels 7, p. 106-7).

A recorrência ao longo de todo o espectro das ciências naturais a uma mesma determinação da dialética é apta para, de um modo geral, (a) dar conta de casos específicos, reveladores de, ou submissos a, uma série de “leis” gerais do movimento; (b) organizar o acúmulo incessante de descobertas empíricas, fortalecendo a passagem das ciências de colecionadoras a coordenadoras; (c) restabelecer um sistema da natureza condizente com a emancipação dessas ciências diante da filosofia; essa hipertrofia da validade do método já indica o quanto resultou problemática a conciliação, visada por Engels, entre dialética e ciências naturais.

O descompasso não reside propriamente numa suposta indecisão de Engels que ora prioriza o descobrimento e o desenvolvimento das leis da dialética a partir da natureza evitando a imposição de regras predeterminadas, ora ressalta a economia que uma compreensão anterior das leis do pensamento dialético acarreta. Na verdade, a adoção conjunta desses dois procedimentos, a decantação da dialética a partir da acumulação de fatos nas ciências da natureza apoiada nos conhecimentos da história da filosofia ou mesmo do materialismo histórico, antes contribuiu para tornar verossímil o

projeto de Engels⁽¹¹⁾. Um sintoma da concretização dessa forma particular de interação recíproca entre método e sistema, consubstanciadora de uma relação de mútua dependência, pode ser observado no teor contraditório das críticas que acusam Engels, num extremo, de ter subordinado excessivamente a dialética ao movimento das ciências naturais ou o incriminam, no pólo oposto, pela determinação antecipada das leis da dialética.

O problema assenta-se, antes, no modo pelo qual Engels procurou constituir um sistema compatível com o seu método. Para tanto, propôs apenas fornecer uma nova coordenação, orientada dialeticamente, para os resultados disponíveis da investigação empírica. Tal solução ficou muito aquém do esperado, pois, apesar de ter obtido uma vinculação sem solução de continuidade dos fenômenos naturais, ensejando uma almejada impressão de inacabamento, tal sistema, em geral, não ultrapassa a condição de um mero ordenamento de conhecimentos já fixados em seus territórios próprios. Assim, a própria configuração de um sistema aberto deve ser atribuída sobretudo à assumida dependência dos fluxos das descobertas científicas e, por conseguinte, a uma arriscada aposta no caráter dialético dos incessantes e imprevisíveis desdobramentos das ciências do que propriamente a uma resolução teórica original.

Diferentemente de Marx que submeteu a economia política à crítica, Engels, ao mesmo tempo em que preparava a publicação dos esboços do segundo e do terceiro volume de *O capital*, contentava-se em apontar – no estilo da ciência unitária positivista – uma organização sistemática e orgânica para os fenômenos naturais⁽¹²⁾.

A primazia concedida aqui ao encadeamento enciclopédico em detrimento da crítica, acrescida dos resultados obtidos nos domínios da história e da tradição intelectual, consolida o esforço do último Engels no sentido de compreender o marxismo como um sistema orientado por um conhecimento unificado do homem e da natureza. Essa positividade, marca registrada do “socialismo científico”, é tributária de uma desconsideração tanto em relação ao modo de funcionamento interno das diversas ciências, quanto dos resultados da ação humana diante da natureza – a famigerada *praxis* social – e suas implicações para o processo científico. Como, em sua épo-

ca, ninguém sabia disso tão bem quanto Engels, tal despreocupação, que não deriva propriamente de um desconhecimento do andamento das ciências, atesta uma quase ilimitada confiança no potencial libertador da expansão das forças produtivas, ou melhor, a crença de que o avanço do conhecimento nas ciências naturais e o subsequente desenvolvimento das condições materiais apontava para a emancipação do proletariado⁽¹³⁾.

Abstract: At the core of a “positive” exposition of Marxism, Engels’ later work amplifies this doctrine and also promotes a new articulation of method with system. Taken as an independent categorial order, dialectic becomes the connection in an encyclopedic enchainment that reduces Marxism to a project of a unified knowledge of man and nature.

Key-words: Marxism – dialectic – method – system – natural science – Engels

Notas

(1) *Coube a Engels também a responsabilidade, delegada pelo próprio Marx, de cuidar (e, principalmente, de decidir sobre a oportunidade) da publicação dos textos constitutivos do materialismo histórico. Esse corpus, bastante distinto do conhecimento atual, e também da fortuna crítica que privilegiou, em nosso século, determinadas obras de Marx, não deixou, em certa medida, de influir na determinação da especificidade própria que o marxismo adquiriu no último quartel do século XIX (cf. Hobsbawm 8, p. 426-7).*

(2) *Acerca da contribuição de Engels para a formação do materialismo histórico, confira Stedman Jones 16, p. 386-421.*

(3) *As partes incorporadas por Engels foram o primeiro capítulo da “Introdução” e os dois capítulos constitutivos da terceira seção (“Socialismo”).*

(4) *Este opúsculo tornou-se rapidamente a mais popular introdução ao marxismo, suplantando até mesmo, como lembra Engels, o Manifesto comunista e O capital (cf. Engels 5, p. 8).*

(5) *Veja o Prefácio de Engels à edição inglesa em Do socialismo utópico ao socialismo científico.*

(6) *Alfred Schmidt destaca uma segunda apropriação da obra de Hegel por Marx e por Engels – iniciada em 1858 com a retomada da leitura da Ciência da lógica –, distinta da incorporação da década de 1840, apresentada por Marx, no Prefácio a Para a crítica da economia política, como um acerto de contas com a sua “antiga consciência filosófica” (Schmidt 15, p. 42).*

(7) *Para uma análise mais detalhada desse ponto cf. Musse 12.*

(8) *A transformação de indicações esparsas da Dialética da natureza em ideologia oficial do “Estado socialista” levou muitos autores do marxismo ocidental, após 1945, a se dedicarem à refutação da dialética engelsiana, abrindo assim uma nova frente de combate ao “marxismo-leninismo”. Nessa série destacam-se os artigos “Marxismo e filosofia” de Merleau-Ponty (Merleau-Ponty 11) (em Sens et non-sens) e “Matérialisme et révolution” de Sartre (Sartre 14) (em Situations III), bem como os livros O marxismo soviético de Marcuse (Marcuse 9) e Critique de la raison dialectique de Sartre (Sartre 13). O livro de Alfred Schmidt Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx (Schmidt 15), além de fornecer um balanço dessa polêmica, mantém-se, ainda hoje, como uma espécie de fecho conclusivo dessa questão.*

(9) *Embora a Dialética da natureza só tenha sido editada após 1925, algumas partes, como o famoso texto “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, já haviam sido publicadas antes. A maior parte das teses deste livro encontram-se, entretanto, disseminadas ao longo da obra do último Engels, principalmente no Anti-Dühring e em Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã, como atesta um simples lance de olhos ao “plano do conjunto” que Engels esboçou (Engels 6, p. 7-9).*

(10) *Essas leis são basicamente três: passagem da quantidade à qualidade, interpenetração dos contrários e negação da negação (cf. Engels 4, p. 101-21, e também idem 6, p. 49-56 e 219-31).*

(11) *Aqui, na verdade, o problema parece ser outro. Alfred Schmidt e Andrew Arato, por exemplo, comentando, respectivamente, a aplicação engelsiana da dialética aos domínios específicos das ciências naturais e da história, apontam para uma mesma limitação: Engels teria incorporado das lições de Hegel apenas os ensinamentos referentes à primeira parte da Ciência da lógica, denominada "Lógica do Ser". Daí, segundo eles, o caráter ontologizante da sua concepção de dialética (cf. Schmidt 15, p. 48; Arato 1, p. 90-1).*

(12) *Para uma comparação entre Marx e o último Engels, confira Schmidt 15, p. 12-50.*

(13) *Para a crítica da ilusão socialista no caráter libertador do progresso técnico e do domínio da natureza, cf. Benjamin 2, p. 351-4; idem 3, p. 227-9.*

Referências Bibliográficas

1. ARATO, A. "A antinomia do marxismo clássico: marxismo e filosofia". In: *História do marxismo*. Vol. 4. São Paulo, Paz & Terra, 1982, p. 85-148.
2. BENJAMIN, W. "Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker". In: *Zeitschrift für Sozialforschung*. Heft 2. Reimpressão. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1980, p. 346-81.
3. _____. "Sobre o conceito da história". In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 222-32.
4. ENGELS, F. *Anti-Dühring*. São Paulo, Paz & Terra, 1976.

5. _____. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo, Edições Sociais, 1977.
6. _____. *Dialética da natureza*. Lisboa, Editorial Presença, 1974.
7. _____. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo, Edições Sociais, 1977.
8. HOBBSAWM, E. "A fortuna das edições de Marx e Engels". In: *História do marxismo*. Vol. 1. São Paulo, Paz e Terra, 1982, p. 423-43.
9. MARCUSE, H. *O marxismo soviético*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.
10. MARX, K. *Para a crítica da economia política*. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
11. MERLEAU-PONTY, M. "Marxismo e filosofia". In: *Textos selecionados*. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 71-82.
12. MUSSE, R. "A dialética como método e filosofia no último Engels". In: *Crítica marxista*, nº 5, 1997, p. 40-54.
13. SARTRE, J.-P. *Critique de la raison dialectique*. Paris, Gallimard, 1961.
14. _____. "Matérialisme et révolution". In: *Situations III*. Paris, Gallimard, 1949, p. 135-225.
15. SCHMIDT, A. *Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx*. Frankfurt am Main, Europäische Verlagsanstalt, 1962.
16. STEDMAN JONES, G. "Retrato de Engels". In: *História do marxismo*. Vol. 1. São Paulo, Paz & Terra, 1982, p. 377-421.